

# NÓS



Época de Micael 2011

## Editorial

---

“Estrela, eu lhe diria  
Desce à Terra, o amor existe  
E a poesia só espera ver  
Nascer a primavera  
Para não morrer...”

Primavera  
Vinícios de Moraes

Pedimos licença ao poeta para, através de sua poesia, nos preenchermos de esperança. Essa mesma esperança que a natureza nos presenteia a cada ano em sua renovação.

Novas sementes brotarão, novas flores desabrocharão e nosso trabalho renova-se a cada dia, quando nos deparamos com o brilho dos olhos das crianças, com o coração repleto de ideais dos jovens e com a tarefa de mantermos viva a nossa Pedagogia.

Boa leitura a todos, com ares de Primavera, com a força e a coragem de Micael.

### Expediente

---

Agradecemos a todos que colaboraram com esta edição.

**Redação:**

**Colegiado dos Professores:**

Comissão de Divulgação

**Associação Pedagógica Rudolf Steiner:**

Rosemarie Schalldach

**Coordenador:** Adriana Leibl, Dra. Catia Chuba,

Manoel Agostinho Vieira Filho e Cláudia Lang

**Capa:** xxxxxxxxxxxx

**Criação do Nosinho:**

xxxxxxxxxx

**Diagramação:** Graphium Editora

**Impressão Gráfica:** Graphium Gráfica e Editora

**Tiragem:** 1.300 exemplares

Micael traz querer, força, coragem.

Ele é espírito solar.

Ele quer que o contemplemos,

trabalha com as consequências,

não com as causas.

Micael é calado, contido.

não dá resposta alguma.

Ele está presente, ele quer!

O que é pensado na Terra

ele aprova ou rejeita,

mas só se considerado justo

pelo mundo espiritual.

Pois em seus períodos, nem nunca,

participou da atividade terrestre.

Todo o herdado lhe é antipático!

O falar é algo

do qual ele se afasta,

pois prefere o pensamento.

*Rudolf Steiner*

## Época de Michael

Em 29 de Setembro principia uma época do ano em que nossos pensamentos e olhar anímico se voltam para o Mistério de Michael – este ser espiritual que segundo Steiner, inspira os seres humanos na realização da tarefa de desenvolvimento em nossa época.

No último período de sua vida, Rudolf Steiner falava com uma ênfase extraordinária da Festa de Michael, como uma necessidade social, como a necessidade de uma renovação das condições sociais. E isto soava como um apelo em favor da qualidade humana, da substância espiritual presente na vida social da humanidade.

E se nos sentirmos chamados a corresponder a este apelo, é necessário que busquemos compreender vivamente este Ser. Quem é Michael? Seu nome, desde o idioma hebraico é uma pergunta: “Quem é Como Deus?”

No poema bíblico do Genesis, encontramos escrito, qual uma resposta a esta indagação: “E Deus criou o homem à sua imagem e semelhança” ( Gen, 1,27). Curiosamente, uma das primeiras observações de Steiner sobre Michael, em novembro de 1904, apresenta-o como “o anjo da forma humana” Michael era, na antiga Lemúria, época remota do desenvolvimento terrestre, “o escultor da forma humana, tal qual está sujeita ao nascimento e à morte, tal qual está sujeita à sexualidade”. “Michael elabora a forma humana – dentre os seres espirituais ele é o formador do homem -- e precisamente daquela forma que vive em polaridades”. E com isso – prossegue Steiner – nasce o dragão. “Pela constituição de uma

forma humana que vive em polaridades entre a vida e a morte, entre feminino e masculino, é que se forma o dragão; o adversário aparece. Michael e o dragão aparecem numa estranha unidade. Michael começa agora a repelir o dragão desta figura humana, na qual este se introduz à força”.

Anos mais tarde, Rudolf Steiner concebe um belíssimo conjunto escultural no qual figuram: no centro, o Cristo; acima, uma imagem de Lúcifer; e abaixo, outra de Ariman -- sendo estes dois potências adversárias que se opõem ao desenvolvimento do ser humano, constituindo assim, precisamente, as dificuldades que o homem precisa vencer para conquistar a si mesmo e à liberdade, à qual está destinado. Este conjunto, Steiner denominou-o “O Representante da Humanidade”. E uma vez que afirma ser Michael o arauto do Cristo, seu semblante, podemos retomar nesta escultura sua observação inicial sobre Michael como o anjo formador do homem enquanto ser vivente entre forças opostas.

Dentre as várias representações pictóricas de Michael, encontramos aquela em que traz consigo uma balança e nos indica o caminho do meio. Assim somos nós, seres humanos: vivemos num campo tensionado por polaridades opostas. Se cedermos unilateralmente a uma delas, cairemos num extremo e conseqüentemente em desequilíbrio. Se no entanto, encontrarmos o meio, a justa medida, o fiel da balança, virá à luz o melhor que há em nós. Uma das marcas das pessoas que experimentaram desenvolvimento anímico significativo é justamente sua habilidade de viver em meio à tensão.

Agora, se voltarmos ao apelo de Steiner por uma renovação das condições sociais, associado à substância Michaélica, e refletirmos sobre isto, talvez nos sirva como pista uma outra de suas afirmações quando diz: *Todos os relacionamentos sociais em que vivemos, são em última instância, obra humana.*

Se as formas e estruturas sociais em que nos vemos inseridos não estão num caminho de desenvolvimeto positivo e reconhecidamente salutar, então precisamos nos perguntar de que pensamentos e sentimentos elas se originaram. Pois apenas superando em nós mesmos estas disposições de alma e substituindo-as conscientemente por outras é que podemos esperar ver surgirem formas sociais melhores que promovam saúde em lugar de doença, e uma ordem de relações mais cordiais em lugar de violência.

*“Confiança é uma das palavras de ouro que, no futuro, deverão dominar a vida social. Amor pelo que se tem a fazer é a outra palavra de ouro. E, no futuro, serão socialmente benéficas as ações que forem realizadas por amor aos homens em geral” ( R. Steiner)*

Sabemos que a confiança é uma das forças fundamentais para uma vida social sadia. Também sabemos que na polaridade “desconfiança – confiança cega” vivemos os dois representantes de forças adversas: Ariman e Lúcifer. O homem precisa

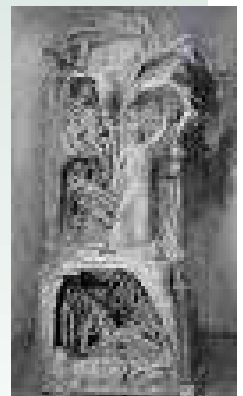
deles para poder desenvolver-se em um ser livre. A confiança é uma qualidade do meio, uma virtude michaélico-cristã que precisa ser desenvolvida entre estes dois polos. Desenvolver, em liberdade, novas forças de confiança como substância de uma comunidade com face humana, eis o grande desafio desta época, ao qual nossa comunidade escolar não faz exceção. Que possamos, então, como células individuais do organismo social desta escola buscar em nós a realização da verdadeira confiança, mediante o auto conhecimento e uma abertura amorosa aos que conosco pertencem igualmente ao mesmo organismo.

#### Referências Bibliográficas

1. Pensamentos sobre Michael e Forças do Dragão – Sugestões para uma futura festa de Michael – transcrição de palestra proferidas por Manfred S. Brabant em 1987 no Goetheanum

2. Confiança, Doação, Gratidão – Lex Bos Ed. Antroposófica/ Instituto Fonte/ Associação de Pedagogia Social de base Antroposófica no Brasil

“O Representante do Homem”, escultura de Rudolf Steiner



## A Balança do Dragão

Era uma vez, faz muito tempo, um dragão horrível, que fazia muitos estragos num pequeno reinado. Em pouco tempo havia chegado à capital e lá estava deitado, certa manhã, enorme, no campo em frente aos muros da cidade.

Bem no alto, numa das torres, estava um vigia, que foi o primeiro a ver o horroroso monstro. E ele levou um grande susto: pois o dragão era maior que a igreja! A sua couraça escamosa era amarelo-esverdeada com feias manchas vermelhas. Ao longo de suas costas ardiam pontas vermelhas. Ao longo de suas costas ardiam pontas vermelhas e afiadas que desciam até a ponta da cauda, que era grossa como um homem forte e comprida, como sete homens deitados em linha. O dragão tinha pernas curtas com enormes patas, de cujas garras saíam unhas vermelhas e pontudas. Mas o mais perigoso era sua cabeça: os olhos vermelhos olhavam com raiva, a goela cheia de dentes afiados estava escancarada e dela saíam chamas de fogo. Uma fumaça fedorenta evaporava de suas enormes ventas. E acima de tudo ele começou a berrar tão alto, que o vigia quase caiu de sua torre e as pessoas cheias de medo correram para suas casas e trancaram portas e janelas.

Quando o vigia se recuperou um pouco do susto e olhou para o monstro, este havia começado a destruir campos, pastos e bosques: queimava o cereal, o capim e as árvores. Engolia as vacas e ovelhas que estavam pastando e os animais da floresta. Com a barriga cheia e cansado, o dragão deitou-se na frente do portão da cidade e começou a roncar de tal forma que as casas tremiam.

Na cidade os homens valentes juntaram-se para discutir o que poderiam fazer contra o dragão. Entre eles estava um homem velho, experiente, que muito sabia sobre dragões. Ele disse:

- Se quiserem ouvir o meu conselho, pensem sobre o seguinte: Os dragões são gulosos, nunca se dão por satisfeitos. O principal para eles, além da comida, são ouro e pedras preciosas, que eles juntam e guardam. Podem dar comida e tesouros aos dragões e eles ficarão satisfeitos – mas não por muito tempo, pois são insaciáveis. Vocês terão que vencer o dragão, se quiserem livrar-se dele.

- Como devemos vencê-lo? Não somos fortes o suficiente! – disse um dos que estavam lá.

- Vocês todos terão que ajudar! Não poderá faltar nenhum! – disse o velho. – E cada um de vocês terá que sacrificar a sua pedra mais valiosa: a pedra preciosa de sua vida.

Levantou-se um tumulto no salão:

- A pedra preciosa da vida? Nunca! Consegui a minha com muito esforço e sob risco de vida!

Assim falavam todas as pessoas ao mesmo tempo, muito excitadas. Mas o velho ficou firme no que havia dito. Era pouco antes do meio-dia, quando o vigia ouviu todos os sinos da cidade tocarem. Todas as pessoas que tinham um instrumento musical, tocavam o mais bonito que podiam e os que não tinham cantavam com muito fervor. O ar estava cheio de sons bonitos. (Pois os dragões não suportam isso.) E depois o vigia viu

o velho homem caminhando corajosamente na frente, atravessando o portão da cidade, ao encontro do dragão que havia acordado com a música e cuspia fogo com muita raiva. O velho carregava consigo uma grande bandeira branca com uma cruz vermelha. Parou a certa distância do dragão e disse:

- Escute-me, seu monstro, ouça o que tenho a lhe dizer: você deve ir embora daqui, - o dragão berrou e abanou a cabeça com raiva – mas não sem receber algo em troca. Queremos dar-lhe todo o seu peso em pedras preciosas. Mas para isso necessitamos de tempo. Deixe-nos em paz por um ano e um dia, e lhe daremos comida suficiente. Durante este tempo construiremos uma balança gigante de madeira com dois pratos, um para você e um para as pedras preciosas que você receberá. Deixe então que todas as pessoas passem por ti sem que lhes aconteça nada. Se estiver de acordo, incline três vezes a cabeça!

O dragão fungou, depois inclinou a cabeça uma vez, duas vezes, três vezes, e bateu tão forte com a cauda que o chão vibrou.

Mas agora as pessoas tinham que trabalhar. E onde iriam procurar as pedras preciosas da vida? E outra vez o homem velho e sábio lhes ajudou.

- Vocês precisam ir ao Vale das Provas, - disse ele – e lá, depois de terem atravessado o vale, receberão as pedras.

Então muitas pessoas caminharam por países distantes e tiveram muitas aventuras até chegarem ao Vale das Provas. Lá cada um deles tinha que solucionar uma difícil tarefa. Alguns tinham que passar eretos por um grande fogo, outros através de águas profundas, e outros ainda tinham que atravessar um deserto ardente, sem água nem pão.

Alguns tiveram que lutar contra gigantes e outros monstros, ou contra animais ferozes. E alguns, por fim tinham que achar a resposta para enigmas difíceis, sob o perigo de perderem a vida. Nem todos conseguiram passar por essas difíceis provas, mas a maioria conseguiu. E estes recebiam a sua pedra preciosa.

Depois de exatamente um ano estas pessoas voltaram e foram saudadas com grande júbilo por aquelas que tinham ficado em casa. Estas estavam pálidas e magras, pois o dragão tinha comido tudo na sua gula. Mas a enorme balança estava pronta no campo em frente aos muros da cidade, e poderiam começar com a pesagem.

No dia seguinte uma multidão saiu da cidade, cantando e fazendo música e diante de todos o velho com a bandeira branca onde via-se uma cruz vermelha. E cada um levava consigo a sua pedra preciosa da vida. Quando chegaram à balança, o dragão se arrastou para cima de um prato da balança que logo afundou um pouco na terra, de tão pesado que ele era. O outro prato da balança ficou lá no alto. Com escadas as pessoas subiam e punham sua pedra na balança. Cem pessoas, duzentas, trezentas. O prato com o dragão nem se movia. Quinhentas, mil, duas mil pessoas. O dragão continuava no chão. Mais alguns milhares de pessoas – o prato elevou-se um pouco, e o dragão fungava nuvens de fumaça. Mais milhares de pessoas – e o dragão ia um pouco mais para o alto, e cada vez mais, conforme o monte de pedras preciosas crescia. E o dragão berava alto e cuspia fogo. Mas as pessoas não se deixaram intimidar. Os dois pratos estavam já quase iguais, só faltava uma pedra. O dragão berrou cheio de triunfo, pois achava que havia vencido. As pessoas assustaram-se e começaram a gritar de medo.

Nisso um homem muito jovem, que havia guardado a sua pedra por avareza, deu um passo à frente. Envergonhado, de cabeça baixa, acercou-se de uma escada, subiu nela e pôs a sua pedra no topo do monte. Aí o prato desceu um pouco e ficou na mesma altura do dragão. Este berrou de modo ensurdecedor, cuspiu uma enorme nuvem de fogo e fumaça, empinou-se e caiu no prato. O prato havia pegado fogo e queimava. As pessoas olhavam fascinadas para lá. Quando as chamas diminuíram, havia no prato queimado um resto da pele carbonizada do dragão. Debaixo dela saiu um homem bonito que levava na cabeça uma coroa em que faltava uma pedra preciosa. Trouxeram-no para baixo e ele assim lhes falou:

- Faz muito tempo que me revoltei contra o Senhor, nosso Criador, e ele me expul-

sou para a terra, onde tive que viver como um monstro que cospe fogo, longe da luz e da vida. Minha única alegria maldosa era maltratar os Seus seres e principalmente os homens... Com o seu sacrifício cheio de amor vocês me libertaram.

E ele agradeceu a todos, especialmente ao jovem cuja pedra preciosa fora a decisiva. A alegria de todos foi muito grande e fizeram uma linda festa, em que todos foram presenteados, recebendo de volta sua pedra preciosa da vida. E como ficaram surpresos ao ver que as pedras tinham ficado muito mais bonitas e brilhavam mais do que antes!

*Rüdiger Zimmermann-Kranz*  
*Tradução de Karin E. Stasch*

## A peça teatral do 8º ano A de 2011




O projeto do TEATRO PEDAGÓGICO realizado no oitavo ano de uma escola Waldorf coroa um trabalho de oito anos. Tantos aspectos se entrecem neste fazer coletivo, que nem seria possível enumerá-los. A participação de professores de várias matérias que denota a interdisciplinaridade desta tarefa; a contribuição e a participação de cada aluno; as vivências, o processo, os desafios a superar e o significado que tudo isso tem para cada participante deste maravilhoso processo. Todos eles convergem para o crescimento de todos e de cada um.

No presente artigo procuramos abarcar um pouco do panorama que envolve o projeto do teatro pedagógico: a reprodução de um dos cartazes confeccionados pelos alunos para a divulgação das apresentações; alguns depoimentos de alunos da classe que expressam visões pessoais ao longo do processo vivenciado; fotos de momentos variados do trabalho; desenhos presenteados por alunos dos 4ºs anos que assistiram à peça, prática tão carinhosa, essa do reconhecimento e da gratidão pelo trabalho do outro, que faz parte do cotidiano de nossa escola; a fala de Glaucia Libertini, nossa diretora teatral, sobre o processo teatral com nossa classe.

O objetivo do trabalho é bem claro. Segundo o prof. Alfredo Rheingantz, “os dramas vividos e encenados em um teatro de

*oitava série levam os alunos a se preparar para o encontro com seu próprio drama, aquele que começará a cercá-lo a partir do desenvolvimento de sua identidade, do nascimento de seu próprio eu no período do Ensino Médio.”*

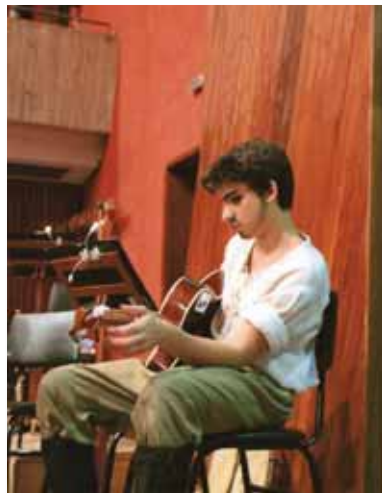
Paulo Roberto, professor de música e regente em nossa escola, manifestou sua grata surpresa com o espírito de equipe da classe, o que para ele é muito mais importante do que o brilho individual deste ou daquele aluno.

A profundidade da história que foi narrada pelo 8º A de 2011 pode ser vislumbrada ao nos debruçarmos sobre a fala de um personagem secundário, o vigilante, que aparece num único e breve momento da peça: “*A casa do Panfalão* é a única que tem sempre luz na janela e onde a porta está sempre aberta.” A história do TRUÃO PANFALÃO nos revela a importância da lucidez em nosso pensar e do amor em nossos corações, pois eles nos levam à presença ativa e significativa no mundo – tal presença, no fim da história, é recompensada com a inscrição no Livro da Eternidade, o LIVRO DA VIDA.

Preciso, por fim, registrar a minha sempre gratidão a cada colega professor, cada pai da classe e especialmente a cada um de meus alunos, pelo processo vivenciado.

*Karla Neves*  
Professora de Classe do 8º A





## TRUÃO, TRUÃO, seu caminho é o coração.

Um processo teatral com alunos do oitavo ano pode ser surpreendente. A começar pelo fato de que muitas vezes a escolha do texto que fica a cargo do professor de classe traz desafios inimagináveis para um diretor. O conto de Nikolai Leskov precisa ser lido várias vezes para que se tenha a real dimensão da riqueza desse grande narrador. Da mesma maneira, transportar essa riqueza para cena exige dos artistas envolvidos grande sensibilidade, criatividade e entusiasmo.

Na história do nosso Truão, como é comum na obra de Leskov, o homem mais simples pode se tornar o grande herói da trama. O autor não economiza nas alegorias pra nos aproximar daquilo que nos torna mais humanos: a capacidade de amar. Talvez seja esse o motivo pelo qual nossos alunos tenham ficado imediatamente fascinados por uma história que tem como mote a busca incansável pela virtude, pelo bem, pelo belo e pelo verdadeiro.

Assim como Hermes, nosso protagonista, muitas vezes nos deixamos levar pelas aparências e caímos na terrível armadilha do julgamento moral. O jovem Hermes vai buscar no isolamento a aproximação com o sagrado, uma busca em terreno estéril que só a intervenção dos anjos pode salvar. Em

contato como que há de melhor e pior em si mesmo, ele finalmente sai à procura de Panfalão, numa trajetória que irá transformar seu destino pra sempre.

Contar essa trajetória de transformação através do processo transformador do teatro me parece a mais acertada das decisões. O teatro surge para nossos alunos como pretexto para o entendimento da realidade, no questionamento de verdades pré-concebidas, veículo de autoconhecimento, superação e compreensão da importância do trabalho coletivo.

O teatro agrega, une talentos e esforços. Todos nós trabalhamos muito para que o “Truão Panfalão” pudesse encantar mais e mais pessoas. O oitavo ano A foi incansável e corajoso para contar da melhor maneira possível essa linda história. À esses queridos alunos, o meu mais profundo agradecimento. Também à professora Karla, pela grande confiança e parceria, às talentosas Joyce, Gabriela e Sandra, à Lélia e Joyce, aos pais, aos funcionários, enfim, muito obrigada a esse valioso time que possibilita que o teatro aconteça e nos surpreenda, mais uma vez.

*Glauca Libertini  
Diretora Teatral do 8º A*

## O Teatro

Todos começamos o ano só pensando em algo, o teatro. Não conseguíamos pensar em mais nada, mas quando conhecemos a peça e a nossa ótima diretora, essa ansiedade se transformou em concentração, atenção, e a felicidade de querer dar o melhor de nós.

Eu já conhecia a Gláucia, a nossa diretora, pela peça do meu irmão, que foi ótima, e uma das minhas inspirações para "O Truão Pantalão".

Começamos a fazer vários exercícios teatrais, para perdermos a vergonha e nos soltarmos para deixarmos a timidez de lado. Quando recebemos a peça, começamos a ler e a decidir que papéis faríamos.

No dia da confirmação dos personagens, houve nervosismo, risadas, atenção e até lágrimas. Mas eu percebi que os papéis não foram dados para quem fosse melhor ator ou atriz, mas para quem, com muito esforço pudesse se encaixar, e assim crescer como ser humano.

Assim nós estamos felizes, ansiosos, tristes, concentrados, capazes. Essa sala que jamais irá se desfazer.

⊙ teatro começou como tudo na vida, conhecendo a pessoa certa. Gláucia é o nome dela, e é nossa diretora. Depois de conhecê-la, começamos com os exercícios teatrais, que foram muito engraçados e produtivos. Partimos para a atuação, na busca de novos personagens. Alguns alcançaram seus objetivos, outros não, mas a escolha foi efetuada por motivos pedagógicos, e não por quem atuava melhor.

Então, fomos para o teatro, um lugar completamente diferente... Lá, a condição do som é melhor, o espaço é maior e é mais fácil de entrar no personagem. E aqui estamos, na metade da peça e cheios de compromissos. Daqui para frente, o foco será só o teatro. Eu não acho que será fácil, mas também se fosse, qual seria a graça?

Matheus Jr.

## O TEATRO

A experiência do teatro foi uma coisa única, inesquecível e imensamente divertida. Eu simplesmente adorei fazer a peça e espero ter essa oportunidade de novo.

O teatro, além de nos ensinar muitas coisas, fez-nos crescer fisicamente e espiritualmente, fez-nos ver coisas que não víamos antes, fez com que aprendêssemos histórias e mensagens que vão durar a vida toda, e além disso tudo, nós nos divertimos erimos muito juntos. O que me entristece mais é tanto esforço durante tanto tempo, e tudo se acabar em alguns segundos.

Mas a emoção de estar em cena, com seus amigos e pessoas queridas, no palco ou na plateia, a sensação é inenunciável, não dá para descrever em palavras, só apenas, sentir, e lembrar. Lembrar das brigas que tivemos, das risadas que sentimos, das tristezas, e das felicidades e do friozinho na barriga, da sensação de atuar e de realizar um sonho, tudo isso é muito mais foi conquistado pelo 8<sup>ª</sup>A nesse ano fazendo a peça, "O TRUÃO PANFALÃO".

Obrigada por tudo.

Marta Melo 8<sup>ª</sup>A 2011.

## Processo Teatral.

O processo de teatro foi muito importante para mim em vários aspectos: aprendi conviver melhor com meus colegas de classe, o teatro para mim fez com que eu ganhasse mais confiança para com os outros.

Fiquei muito impressionado que eu e meus colegas, na hora do "vamos ver", conseguimos cumprir o que nos foi proposto com muito sucesso, apresentando uma bela peça.

A partir de agora não sou só um aluno, sou também um contador de histórias.

Espero que os pequenos que assistiram à peça, levem esta história como inspiração para seus textos.

Vou sentir falta das brincadeiras de ranzinzante que o gelo me faz sair, da D. Joyce brigando comigo por causa da estática da minha guitarra. Enfim, vou sentir falta de muitas coisas.

E vou esperar ansiosamente pela próxima oportunidade de tocar as peças nos cantos contando uma história.

Vinicius Vello

## O Lupo Panfaleão \*

O processo do teatro foi longo, intenso, narrativo, mas, gratificante e produtivo.

O percurso foi trabalhoso e muitas vezes nós até achamos que não daria certo. O que interpretar vai muito além de 'achar', foi preciso muito empenho e confiança na nossa diretora, pois dar vida a cada personagem não é fácil, emprestar seus sentimentos para algo que até então não existia.

Então, apesar de ter julgado a história da peça, nós começamos a montá-la e a ver muito além do roteiro e cenário. Começamos a vivê-la.

Uma experiência talvez única na vida de cada um de nós. "O Lupo Panfaleão" vai deixar saudades, algumas lágrimas e muitos, muitos momentos de alegria e sorrisos.

Obtiopda Cláudia, dona Karla, pais e verem, meus amigos de classe que eu tanto amo. A melhor classe para sempre, 8-1 2023. Esse ano está sendo ótimo e a peça marcou nossas vidas, como tantos outros momentos marcados, tenho dito.

Marina 24/08/2023.

# T Sinto sua falta!

**N**em bem terminamos nossa peça e já sinto saudades. Depois de tudo que passamos juntos, finalmente ficou pronta. Numas 4<sup>as</sup> feiras, dia 17 de agosto, começaram as apresentações, todas com aquele frio na barriga e com medo de usar, do público, e de seguir em frente com a vida; a tempo passou.

Todos nós nos concentrando e esperando até ouvir o sinal para se abrirem as cortinas se abrindo...

**A**gora, estou aqui, sem mesmo entender como passou tão rápido esse processo do Teatro. E percebi que a nossa sala unida pode enfrentar qualquer desafio.

"**A** vida é uma peça de Teatro que não lhe permite ensaios, por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que as cortinas se fechem e a peça termine sem aplausos."

(Charlie Chaplin)

João Paulo  
Braga

## Associação Beneficente Parsifal

### Um relato

Associação Beneficente Parsifal. 16h30. Meu turno de trabalho finalmente chega. Entro na sala e me deparo com duas crianças sentadas à mesa. Uma delas me vê, estica o braço e pede: “Tia, cola a minha lanterna, por favor”. Pego a tal lanterna e me dirijo à mesa reservada aos alunos – é aqui que guardamos a cola quente, as velas e as varetas. Como a menina me acompanha, não querendo perder nem um passo da criação de sua lanterna, tento fazer meu trabalho tal qual uma profissional. Falho miseravelmente! A cola quente, tenho certeza, tem algo contra mim. Só isso pode explicar o fato de ela ir para os meus dedos, ao invés de ir para o papel. Ainda bem que um colega, percebendo minha situação, vem ao meu socorro, dizendo: “Deixa que eu faço isso. Pode ir pintar com as crianças”.

Sento-me à mesa e, aos poucos, vou ganhando a confiança do menino ao meu lado, que me deixa ajudá-lo a colar os papéis de seda nas janelas. Depois de um tempo,

outros vem interagir comigo. Quando percebo, estou rodeada de crianças, todas querendo minha atenção.

Nisso, uma mãe passa, dizendo: “Vamos descendo. A fogueira é em cinco minutos”. Daí é um caos! Rapidamente, terminamos todas as lanternas e nos juntamos aos outros. Um professor acende a fogueira e, enquanto observo o fogo e ouço as pessoas cantando, relembro as várias fogueiras que tive no decorrer dos anos. É nesse estado de nostalgia que alguns meninos que estavam na barraca comigo me encontram. Eles olham para mim, segurando suas lanternas, me agradecem pela ajuda, e vão embora. Um deles, porém, volta e me dá um beijinho, correndo em seguida, envergonhado.

*Júlia Marcondes Schmidt Hebbel*  
*Aluna do 12º B*

## C i r c o l a n d o

Projeto realizado pelo 6º ano A durante os meses abril, maio, junho com finalização e apresentação em agosto. As aulas foram ministradas pelo professor Cauê Mattos com participação de Luciana Cah e apoio das professoras Gabriela Francischinelli e Susana Nicolas.

“Alegria é o melhor remédio. A alegria coloca você em contato com seu lado mais saudável.” (Wellington Nogueira - fundador do Doutores da Alegria)

No imaginário, o desafio humano em superar a natureza é representado pelo circo.

O valor simbólico do circo é inestimável a séculos, pelo tanto que traz de alegria e emoção.” (Hugo Possolo)

“As atividades circenses são extremamente benéficas para todos, especialmente para as crianças, que além de aprenderem técnicas nas várias modalidades do circo, praticarem excelentes exercícios físicos, desenvolverem capacidades motoras mais apuradas, desenvolverem agilidade, rapidez, força, equilíbrio, também aprendem a trabalhar em equipe, a conviver em grupo, ajudam a integrar as crianças, as quais vencem desafios e se superam o tempo todo. De maneira lúdica as crianças se movimentam e superam suas dificuldades motoras e de aprendizagem. Desenvolve-se a criatividade, o fazer artístico, a beleza e a graça. Prepara-se para a vida com entusiasmo e alegria!” (Susana Nicolas)

“Com bolinhas, bastões, colchões, tecidos,

enorme conhecimento, sensibilidade, domínio corporal, alegria e serenidade Cauê conduziu a transformação do ginásio de educação física em um espaço onde o querer aprimorar-se, o respeito pelos demais e a magia do circo deram forma às propostas. Com confiança, disposição, entusiasmo e atenção o 6º Ano entregou-se a esse universo riquíssimo: a criatividade, a gravidade e o equilíbrio fizeram malabarismos! No coração, sorrisos emanados da alegria de aprender. Harley Hope!” (Gabriela Francischinelli)

“No circo a atividade requer o estado de alerta do seu praticante e consciência/domínio corporal durante a realização dos movimentos. Não há como a mente se dispersar ou divagar em pensamentos simultâneos quando em execução da atividade circense, pois se corre o risco de não concluí-la da forma desejada ou pior, se machucar.

O corpo é a nossa morada, o nosso templo sagrado. Estar atento as suas manifestações, solitudes e necessidades é manter um diálogo saudável entre o físico, a mente e o espírito.

A arte circense, assim como várias outras atividades artísticas, demanda atenção, o que favorece ao estabelecimento da memória explícita. Ainda há ganho em condicionamento físico e amplia benefícios a habilidade para outras funções cerebrais que utilizam a memória, como a cognição, a emoção e o planejamento de ações.

Daí a importância de sua prática ade-

quada, sem deixar de observar a faixa etária e o nível de expressão corporal do executante. Adequando-se a esses aspectos do desenvolvimento corporal e psíquico, a atividade circense pode assegurar aos seus praticantes o sentido de coletividade, do aperfeiçoamento físico, social e mental constante, da cumplidade de atos e o respeito, valorização, de sua própria realização como também do outro.

O que nos leva a acreditar, e a experiência de nossa atuação, bem como alguns estudos revelam, o circo constitui uma ferramenta importante no processo de formação e desenvolvimento do ser humano. Pois sua prática nos propicia vislumbrar o aperfeiçoamento ou mesmo consciência de potencialidades adormecidas e sua utilização.

Porém esse treinamento requer espaço e tempo adequados a sua execução e desenvolvimento. A instituição escolar por sua missão, pela prática pedagógica, de transmitir o saber humano, por seu espaço físico apropriado para a prática corporal, por sua atitude coletiva de seus fazeres, mas principalmente por lidar com a orientação e formação da criança é o local ideal para abrigar a prática circense e propiciar a criança a orientação adequada para explorar de forma ampla as manifestações corporais, durante o seu desenvolvimento.

No Circo a descoberta de possibilidades expressivas, de movimento, se dá na observação e na interação entre os praticantes, na observação pessoal e do outro, no estabelecimento de memória formada de emoções e sentimentos, onde múltiplas articulações corporais são coordenadas e harmonizadas na execução do movimento, revelando aprendizados que transformam medo em

superação, competição em cooperação, obstáculo em apoio, egocentrismo em cumplidade.

O circo é acima de tudo a grande metáfora do final feliz que pode propiciar ao ser em formação ( e estamos sempre em formação) a certeza de caminhar por lugares seguros e confiáveis na superação de desafios à luz do movimento e da alegria.” (Cauê Mattos)

### **Depoimentos de alunos:**

“O circo foi uma experiência muito boa e mágica...” (Sarah)

“Essa parte do 6º ano foi muito importante , pois eu sonhava com isso desde que eu vi o circo pela primeira vez.” (Matheus)

“O circo me ensinou a confiar nos outros, a ter coragem, a realizar coisas que nunca pensei que iria fazer, a realizar sonhos! Ensinou-me a confiar nos meus sentidos...O circo me trouxe muita felicidade, me deu muita firmeza, decisão e ordem nas coisas que eu tenho que fazer.” (Yuri)

“O circo é muito bom, pois é um trabalho em grupo e todos trabalham juntos. Eu aprendi a confiar mais nos meus amigos..é uma experiência incrível e você se diverte muito. Uma das melhores coisas foi o palhaço, você trabalha brincando! Mas não é tão fácil, você precisa trabalhar muito para realizar um bom trabalho!” (Gabriela C.)

“ ...a cada dia eu me sentia melhor e mais confiante e levarei isso pelo resto da vida.” (Livia)

“No começo do ano eu nem achei que eu conseguiria fazer tudo isso que faço hoje, por exemplo: dar cambalhotas, subir no te-

cido...” (Aline)

“No começo era bem duvidoso, nós não conseguíamos fazer nada, mas nos esforçávamos, e nestes três meses nós treinamos e treinamos, até que o dia da apresentação chegou. Fizemos uma retrospectiva do circo inteiro, o quanto nós evoluímos, e fechamos o trabalho com a nossa apresentação.” (Rafael)

“Foi incrível! Uma das melhores experiências da minha vida! Com certeza! A cada semana que aprendíamos coisas novas desafiávamos nossos limites...com o carinho de todos nós superamos e conseguimos chegar aqui. Valeu a pena tudo porque aprendemos mais, porque nos tornamos mais humanos!” (Gabriela Ferreira)

“A gente se divertiu muito, mas também aprendemos muitas coisas. Também o Cauê nos ensinou a nos divertir aprendendo!... Também percebi que alguns dos meus colegas tinham habilidades que eu não conhecia.” (Alejandra)

“A importância da confiança para mim

é muita, porque sabendo que meus amigos, olhando de trás dos biombos, torcendo para que tudo dê certo...acho que isso fez uma grande união na nossa classe, porque vencemos muitos medos e inseguranças...” (Julia)

“Eu fui palhaça. Gostei muito de ter tido essa experiência! Eu achei que me senti mais livre, pois quando você é palhaça pode fazer o que quiser. Valeu muito a pena ter ficado até tarde nas sextas-feiras!!!” (Elisa)

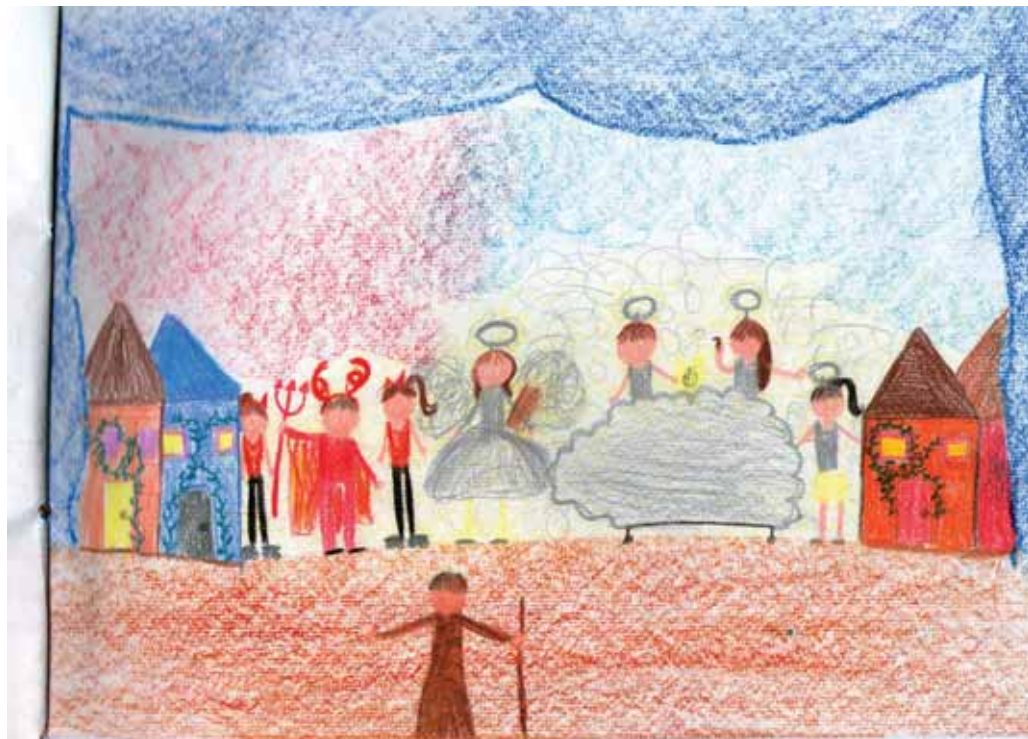
“Eu amei fazer o circo. Principalmente porque era o Cauê que nos ensinava...com ele todos nós tínhamos vontade de trabalhar. No começo do ano nossa classe era cada grupinho para cada lado. Agora estão todos juntos, muito unidos e, principalmente, confiantes! Todos perceberam a diferença!” (Julia Beatriz)

“Todas as sextas ensaiando...inesquecível!” (Lourenço)

“O circo só me trouxe alegria!” (Frederico)

*Susana Nicolas  
Professora de Classe do 6º A*





# Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)

## 12<sup>os</sup> anos de 2011

As apresentações dos Trabalhos Anuais acontecerão nos dias 28 e 29 de outubro. Seguem os temas escolhidos por cada aluno; os horários das apresentações constarão do “Acontecendo” do mês de outubro.

### 12<sup>o</sup> A

<b>Nome do Aluno(a)</b>	<b>Título do Trabalho *</b>
Ana Carolina Zanetti Kawall	Moda (Anos 60)
Ana Luiza de C. Bittencourt Rito	Direitos e Deveres da Criança e do Adolescente
Andrea Fabiana Garcilazo	O Brincar
Anna Beatriz A. Camurça Pradal	Filosofia + Poesia
Caio Penha Cavalheiro	Terrorismo
Carlos Eduardo S. T. M. de Villela	A Importância da Estética
Christian Lang Ostermayer	Ficção Científica (livro)
Daniel Hafez D´Oliveira	Construção de uma Prancha de Surf
Daniel Melchert Leonardos	Bem-Estar
Diana Mohamed Salman	Juventude Hoje
Flávia Vendramini N. Elias	Arquétipos
Gabriel Rassi Mattoso	Vícios
Giovanna Cunha S. Coelho	Dislexia
Giuliano Faria Machado	Lutheria
Gustavo Klein Piovesan	Direito Civil
Henrique de Camargo B. Rinaldi	Maçonaria
Leticia Gomes Fernandes	O Brasil na II Guerra Mundial
Lucas Breur	Neurociência
Lucas Teixeira Petitdemange	Fundação da ONU
Luiz Keese Tabacow	Nanotecnologia
Maria Catão Richtmann	Nutrição (comida = melhor remédio)
Mariana L. Wagner dos Santos	Café na Sociedade Atual
Martina de Figueiredo Sallowicz	Tatuagem
Michelle Goulart Zein	História da Maquiagem
Miguel Osterroht	Educação Econômica
Munira Khaled	Os EUA e a Venda de Armas em Regiões de Conflito
Nicholas Villaça Saija	Influência da Música no Comportamento Humano
Paola Zumbühl Weitbrecht	Significado das Cores
Rafael Fagoni Biancalana	Avicultura
Renan Tagliero Gouveia	Design de Jogos
Thales Moreno de Oliveira	Cultura Punk

\*Alguns títulos ainda poderão ser alterados

## 12º B

<b>Nome do Aluno(a)</b>	<b>Título do Trabalho *</b>
<b>Aline Pereira de Lacerda</b>	Pais, Filhos e Consumo de Álcool na Adolescência
<b>Ari de Moura Rodrigues</b>	Direitos do Ser Humano
<b>Arthur Argondizo Gonçalves</b>	A Comunicação Social na Era Digital: um Foco para Mídias Sociais
<b>Dan Mohamed Salman</b>	Sinais Químicos
<b>Enrico Krüger de Toledo Marques</b>	Biografia de Edson Hiroshi Seó
<b>Felipe Apud Fausto</b>	Drogas
<b>Felipe Taglialegna Saisse</b>	Energia Nuclear
<b>Felippe de Paula C. de A. Lacerda</b>	Tráfico de Drogas no Brasil
<b>Fernanda Cimino Blumtritt</b>	Alienação
<b>Giovana de S. D. Saraiva Vella</b>	A Atividade Circense na Educação de uma Criança
<b>Giovanna de Paula Oliveira</b>	A Conquista dos Céus: um Eterno Desafio
<b>Jéssica Any Sommerfeld</b>	Gatos
<b>João Guilherme Mello de Souza</b>	A Decisão (*) – Curta Metragem
<b>Johann Mikhael Ribeiro</b>	Pirataria Moderna
<b>Joyce Louise Sommerfeld</b>	Steve Jobs
<b>Júlia Marcondes S. Hebbel</b>	A Importância da Escrita no Desenvolver da Humanidade
<b>Juliana Isa B. Gomes</b>	Cinema Novo
<b>Laura Tomiatti M. e Silva</b>	A Terra, O Homem e a Luta – Sertões do Atacama
<b>Luisa Garbin Fontana</b>	Doenças do Meio Urbano
<b>Luiza Rocha Bark</b>	A Importância do Desenvolvimento Motor para o Aprendizado Infantil
<b>Lyna Yukari Namba</b>	Vestuário Feminino do Sec. XX ao Sec. XXI
<b>Marcelo Rubens Araujo Castro</b>	Fotojornalismo de Guerra: na Mira da Câmera
<b>Maria Eduarda P. da Fonte Bradley</b>	Visitando as Cozinhas do Brasil
<b>Marina Hindermann Santini</b>	Cérebro
<b>Rafael Simões De Bona</b>	O Lirismo e a Poesia nas Músicas de Chico Buarque
<b>Rafaela Du Plessis G. Ferreira</b>	Cores (Significado, importância para as profissões)
<b>Raissa Motta Leduc</b>	Importância das Economias Emergentes (BRICS) na Dinâmica das Relações Comerciais em Escala Mundial e as Ameaças na Produção de Países Ricos / Desenvolvidos
<b>Raquel Baptista Gallo</b>	Das Raízes à Liberdade
<b>Tatiane Guerreiro M. M. Costa</b>	Poluição do Oceano
<b>Thomas Walter Dietz</b>	Adornos de Cabeça
<b>Vitor Cardinali</b>	Dislexia
<b>Yuriy Dniprovey Szymanskyj</b>	Utopia

\*Alguns títulos ainda poderão ser alterados

## Viagem às Cavernas do PETAR



Desde muito pequenos, os alunos da Escola Waldorf Rudolf Steiner escutam histórias sobre as cavernas. Estas histórias são contadas por irmãos, pais ou amigos que têm lembranças de uma incrível viagem. Estes

relatos povoam a imaginação das crianças que ansiosamente aguardam este momento.

O 7º ano A realizou esta viagem no final do mês de maio. Foram cinco dias de atividades intensas, onde conhecemos as cavernas do Parque Estadual do Alto Ribeira (PETAR).

Sáimos da escola na segunda-feira pela manhã e depois de cinco horas de viagem chegamos ao nosso destino. Conhecemos as entranhas da Terra, onde a força da água, durante milhares de anos, esculpiu galerias e salões ricamente adornados.



Depois de longas caminhadas, enfrentando subidas, descidas e atravessando rios, chegávamos à entrada das cavernas. A coragem, concentração, confiança e cooperação, nos conduziam a ambientes escuros e desconhecidos que nos reservavam grandes e belas surpresas!

Durante esta viagem os alunos superaram muitos desafios, desenvolvem autoconfiança e vibram a cada conquista. A escuridão deu lugar à luz interior de cada um e o medo se transformou na alegria que somente aqueles que enfrentam os desafios com coragem podem sentir.

*Patrícia Penha Cavalheiro*  
Professora de Classe do 7º A





## O Caminho da Alfabetização

### Falar – Desenhar – Escrever – Ler



Primeiro, o Homem adquiriu a fala. Talvez com um grito, um lamento, um suspiro, ou quem sabe uma súplica? Depois, percorreu um caminho de cerca de quarenta mil anos, da pré-história até a época grega, para consolidar o alfabeto fonético. Nesse longo caminho, no decorrer da evolução cultural, desenvolveu-se na arte da escrita e da leitura.

O alfabeto que conhecemos hoje e com o qual escrevemos nossa língua teve origem há três mil anos.

Tudo começou com a *escrita pictográfica* (desenhos nas paredes das cavernas). Depois, veio a *escrita ideográfica* (uma forma ou figura podia contar até uma pequena história). Mas a primeira linguagem bem codificada descoberta é a *abilônica*, denominada *escrita cuneiforme*. Os egípcios, posteriormente, criaram os *hieróglifos*, dando origem à *escrita hierática* e, mais tarde, à *escrita demótica*.

Os fenícios, provavelmente, entraram em contato com a escrita egípcia, adaptando posteriormente a fonética dos egípcios para a língua fenícia, criando o alfabeto com 24 letras. Esse povo comerciante, forma-

do por viajantes e navegadores, espalhou o alfabeto fonético ao mundo até então desbravado. A partir daí, a escrita passou a ser um instrumento poderoso de comunicação, facilitando as transações comerciais.

Todos os alfabetos fonéticos derivaram do alfabeto fenício: o hebraico, o árabe, o cirílico (russo), o devanágari (hindu), o grego e também o romano.

Os romanos herdaram o alfabeto grego e, assim como estes, fizeram adaptações, criando novas letras ou suprimindo outras, cujos sons não existiam em sua fonética.

Segundo Rudolf Steiner, no grego, ainda há denominações para cada letra do alfabeto, por exemplo, a primeira letra do alfabeto grego, Alfa. Se quiséssemos expressá-la com palavras de hoje, diríamos: “aquele que sente sua respiração”. Com essa denominação, voltamos ao Antigo Testamento: “O homem terreno foi criado por ter sido insuflado nele o hálito vivo”. Dessa forma, o homem vivencia algo concreto de sua existência.

Na transição do grego para o latim, o elemento eminentemente concreto que vivia na fala transformou-se em algo abstrato. Assim, temos apenas o “A”, no lugar do “Alfa”. O “A” formou-se tão somente numa convenção abstrata.

Resumidamente, podemos dizer que o homem partiu de uma situação de completa consciência divino-espiritual, evocando, na fala, toda a sua relação com o universo e ressoando os próprios elementos, pelos quais

foi criado, por meio das consoantes, a esfera das estrelas fixas (o zodíaco) e, por meio das vogais, o movimento dos planetas. O homem, ao falar, sentia-se, portanto, inserido no universo. Quando queria expressar toda a amplitude do divino em uma frase primordial, ele dizia o alfabeto. Aos poucos, foi se distanciando dessa consciência instintiva e o alfabeto foi se tornando cada vez mais abstrato, apenas meros símbolos.

Porém, esse distanciamento foi necessário para que o homem pudesse despertar o seu próprio pensar consciente. Foi um processo de enrijecimento, entretanto fundamental para o despertar da sua consciência terrena, para a conquista de sua liberdade.

Contudo, agora, o homem, com seu pensamento abstrato e conceitual, com o risco de perder sua própria vontade, precisa ascender do abstrato ao concreto, vivenciando cada fonema concretamente.

Esse caminho, desde a pré-história até a época grega, é percorrido por nossas crianças até o final do primeiro setênio. Para Rudolf Steiner, “nos sons da fala vivem Seres Divinos. E temos de nos aproximar desses seres com devoção, com devoção religiosa. Então serão os melhores professores que possivelmente teremos”.

No processo de alfabetização, é necessário que o adulto que auxilia a criança seja consciente da origem primordial do alfabeto e que conviva com as qualidades intrínsecas de cada fonema, a fim de que a criança seja introduzida no mundo mágico e maravilhoso da escrita, tendo como base as forças ascendentes de que a humanidade carece para realizar o seu desenvolvimento, sem decair para a barbárie.

### **Aprendendo a escrever**

O que é a escrita?

“Comando de movimentos finos e dissociados de mãos e dedos, a partir de dados fornecidos pelos sentidos, acompanhado pelos olhos e pelo pensamento, dando à escrita um conteúdo e a função de linguagem”.

Diante de uma página em branco... O que fazer? Escrever é uma luta! Uma mente titubeante tentando começar. Aos poucos, a vontade de tornar clara uma ideia obscura vai nos guiando e, de repente, a luta é vivificada! Uma combinação de palavras nos alegra! Conseguimos nos expressar!

### **Da imagem às letras**

Em nossa pedagogia, a escrita vem antes da leitura, primeiro fazer para depois compreender. Antes, ainda há uma fase preparatória que precede à escrita em si: desenho de formas. Geralmente, por quatro semanas, as crianças são levadas a desenhar todo tipo de letras: abertas, retas, curvas, angulares e espirais. Nesse exercício, ela desenvolve não só a destreza das mãos, como também aquilo que é necessário para a escrita das formas das letras. É importante que as crianças vivenciem corporalmente as formas ao desenhá-las, de maneira que a sensibilidade seja despertada para as linhas retas, as curvaturas, seus alongamentos, seus ritmos e movimentos.

Chega a primeira Época de Letras! A partir de imagens e histórias, de maneira artística, deixam-se surgir as formas das letras maiúsculas. Por exemplo, após uma narrativa onde aparece uma borboleta, desenha-se a história com a borboleta. Gradativamente, é possível, a partir da borboleta, chegar ao B guardando ainda a lembrança da história de sua origem. Nesse processo, usa-se toda a riqueza de nossa linguagem, deixando o fonema ressoar tanto na história, como em

pequenos versos e trava-línguas.

Desta maneira, conduzimos a criança através da imagem, fala e escrita a aproximar-se da natureza do fonema. De forma semelhante, são introduzidas as demais consoantes: um caracol torna-se um C, um dragão um D. Assim podemos fazer com todas as consoantes, pois, por meio delas, as impressões do mundo exterior podem ser recriadas. As vogais, por sua vez, se formam a partir de gestos, que exprimem disposições anímicas do mundo interior, por exemplo: a admiração no O, a veneração no A, a coragem e o escuro receio no U, a consciência de si mesmo, o limite e a resistência no E e o equilíbrio harmonioso do I. Como “sons do mundo” e “sons da alma”, as consoantes e vogais já se diferenciam no primeiro aprendizado, por sua origem.

Através de tal procedimento cuidadoso e delicado, a criança adquire uma relação pessoal com as letras, brotando daí, a partir de si mesma, a necessidade de escrever com beleza aquilo de que aprendeu a gostar.

Nesse caminho, a criança pode refazer o desenvolvimento da escrita na história da cultura humana: passar da escrita por imagens para a escrita com símbolos.

Ao mesmo tempo em que os fonemas são introduzidos em imagens, a partir dos quais, sinteticamente, podemos chegar às palavras, deve igualmente ocorrer o caminho inverso, o método analítico, ou seja, partindo de toda uma frase, chegar à palavra e nela o fonema. Neste caso, perfazemos um caminho do todo às partes, que se pode trilhar tanto com a imagem da letra como com a linguagem falada. Segundo Rudolf Steiner, diante da atividade analítica, nós sempre despertamos e, diante da atividade sintética, nós adormecemos. Devido a isso,

estamos também formando a predisposição da criança de se colocar diante do mundo com a alma desperta, quando a confrontamos com o método analítico. O caminho sintético da letra à palavra diminui o perigo da dislexia. Já o caminho analítico promove a compreensão da frase como uma unidade, sendo, portanto, pré-condição para a leitura plena de sentido.

No decorrer do 1º ano, todas as letras do alfabeto devem ser introduzidas, porém as crianças devem ler apenas o que elas mesmas escreveram. Sobre as metas para esse ano, Rudolf Steiner ressaltou: “Se nestas coisas, nós procedermos de forma racional, nós lograremos que, no final do primeiro, a criança consiga passar para o papel coisas simples que nós ditamos, ou que ela própria se propõe”.

### **Uma Experiência Prática – A, E, B, M, I...**

#### **Um Breve Relato**

Ser professora de um 1º ano é um grande privilégio!

Em nossa pedagogia, introduzir letras e números é um acontecimento pleno de Alegria! Uma alegria que me conforta e alimenta diariamente.

Reencontrar a cada dia tantos olhinhos brilhantes e mãozinhas diligentes, ávidas para desvendar o “encantamento” das Letras e Números é uma dádiva!

Os pequenos, realmente, mergulham nos movimentos, nas imagens pintadas, nas canções, nos versinhos e na linguagem rimada e cheia de sentido. As histórias e pinturas notadamente preenchem o coração das crianças. Elas querem descobrir cada fonema “oculto”, no contexto trazido e es-

forçam-se para desenhá-lo e escrevê-lo com enorme beleza e amor. Aos poucos, percebe um “click” ali, outro lá... As imagens contam e cantam, os sons ressoam, ecoam... As letras aparecem, as palavras, as frases e suspiros surdos. Parece-me um suspiro que quer significar: Ah, entendi!

Recentemente, acabamos de visitar todo o alfabeto, um percurso repleto de fantasia e magia, que nos trouxe a profunda vontade de celebrar!

Então, celebramos! Os 1º anos A e B! Cada criança segurando firmemente o seu balão. Na cestinha, uma “semente”, uma

“palavra”, uma mensagem. 62 balões elevaram-se na imensidão azul... No chão, pares de estrelinhas cintilavam!

As palavras voaram como sementes levadas pelo vento. Quando germinarem, poderão tornar-se plantinhas delicadas como as Poesias, bonitas arvorezinhas como as lindas histórias ou árvores frondosas como os inspiradores livros!

Nos nossos corações, uma página muito, muito especial foi impressa...

*Glauca Dias Pinheiro*  
*Professora de Classe do 1º A*



# ILHA DO CARDOSO

Saímos da Escola às 07:30hs, com destino a Camanóia, cidadezinha do litoral de São Paulo.

Chegando lá fomos para o hotel, onde ficamos hospedados.

Logo depois, almoçamos e fomos de barco até a mata Atlântica onde fizemos uma caminhada. Lá havia muitas árvores retas e bem compridas.

Tinha vários tipos de plantas. No meio do caminho, havia um grande tronco caído e nós tropeçamos! Depois passamos pela mata de transição, onde havia muito líquen; mistura de algas e fungo. Atravessamos a mata de restinga, onde haviam muitas bromélias, da família do abacaxi.

Depois voltamos ao hotel, e fomos dormir.

No dia seguinte, fomos para um lugar muito mais legal!!! Fomos ao manguezal! Lindo, lamacento, (e com MUX CHEIRO), e também conhecido, como berço da vida; porque é lá, que alguns animais desovam... Foi muito engra-

gado quando o Augusto ficou "atolado" na lama!!!

Voltamos para o hotel, brincamos, fizemos a retrospectiva do dia, e fomos dormir...

No último dia, demos uma volta na cidade. Fomos ao museu, onde vimos um grande tubarão empalhado! No Cooper-ostea, observamos as ostras, e como são limpas. Visitamos a "grande figueira", onde ouvimos sua lenda. Demos 7 voltas em torno dela; pois dizem que dá sorte!...

Voltamos ao hotel e fomos à piscina! Depois almoçamos e voltamos à Escola...

Joanna Garcia Marcellis.





Querida Comunidade,

Durante as Férias de Julho, a CET trabalhou na sinalização das ruas próximas à Escola, informando aos motoristas ser a área “rota de bicicletas”. No Código de Trânsito Brasileiro, lei 9.503 de 23 de setembro de 1997, artigo 105, VI, são de uso obrigatório para as bicicletas a campainha, sinalização noturna dianteira, traseira, lateral e nos pedais e espelho retrovisor do lado esquerdo.

Gostaríamos de pedir aos nossos alunos e a seus pais que incluam também o capacete. Apesar deste item não constar de nossa legislação, seu uso é muito recomendado.



nuss nicht traurig sein...



... nur meine Gummibärchen

nicht vergessen!!

# NÓS

## A Alimentação da Criança

No NÓS da Época de São João fomos presenteados por um artigo sobre os Temperamentos escrito pelo Dr. Mauro Domingues Fernandes.

Neste daremos seguimento ao tema com parte de uma tradução do texto da Dra. Ilse Knauer “A Alimentação da Criança” publicado na revista “Natura” de dezembro de 1932, página 99.

Tradução do Dr. Bernardo Kaliks com revisão do Dr. Fernando Abrão.

...

Devemos dirigir uma atenção especial para os temperamentos entre os 7 e 14 anos de idade, especialmente quando a criança se torna muito unilateral neste sentido. Diferenciamos quatro temperamentos: sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico. Na escola cabe ao professor uma grande influência sobre estes temperamentos e a harmonia que sobre eles deve exercer. O ideal é que uma pessoa leve em si mesma todos os temperamentos em uma interação harmoniosa. E aquilo que o professor consegue através da escola pode ser apoiado pela alimentação.

Uma criança sanguínea, que salta de uma impressão a outra, que se interessa por tudo, mas não pode elaborar nada, porque se acha na superfície das coisas, irá necessitar de uma alimentação que exija um trabalho de seu metabolismo. Deverá receber muitas sopas, almôndegas, bolinhos, panquecas,

nozes, alimentos com aveia, de preferência mais doces que salgados. Também alimentos que exijam mastigação mais prolongada produzem efeito terapêutico, por exemplo: coco, pão preto de centeio. Como bebidas, o café de cevada, leite, creme de leite, e cacau, eventualmente.

Uma criança colérica, firmemente ligada a seu corpo, parca em palavras, mas que, por vezes, explode repentinamente e tem um ataque de fúria, vai necessitar de alimentos que atuem preferentemente no seu sistema rítmico: muitas verduras de folhas, saladas verdes, aspargos, pepinos, abóboras, melões, alimentos geralmente crus; quanto às bebidas, o leite e café de cevada.

A uma criança fleumática que se interessa pouco pelo mundo exterior, que vive de maneira unilateral em seus próprios pensamentos, deve-se proporcionar uma alimentação estimulante, com raízes e poucos líquidos. Entram aqui na lista: saladas de folhas leves, com salsa picante, cenouras cruas raladas, beterrabas, rabanetes, raiz forte; das frutas, especialmente cidra, salada de frutas, pepinos

# A

# Ú

# D

# E

ácidos, suflês quentes com calda de frutas ou de caramelo; condimentos através do cravo, açafrão, gengibre, etc. Como bebidas chá de hortelã com limão, creme de leite.

Finalmente com a criança melancólica dever-se-á tentar subtraí-la, por meio da alimentação, das forças da terra que atuam excessivamente sobre ela. A uma criança deste tipo daremos: o elemento floral abundantemente, por exemplo, flores fritas de acácia, sucos de frutas, ananás, fruto da palmeira, cremes, calda de caramelo, couve-flor, maçãs assadas, etc., e também muitos alimentos crus. Como líquidos, chás de flores: Camomila, tília, sabugueiro, etc.

Mas não é apenas para os temperamentos que devemos dirigir nossa atenção entre os 7 e 14 anos de idade. Rudolf Steiner mostrou que as crianças de idade escolar podem se desenvolver em duas direções: umas crescem muito no sentido longitudinal – são aquelas cuja memória foi muito sobrecarregada pelo mestre; outras cresceram pouco – são aquelas cuja fantasia foi exageradamente estimulada. O professor deve observar isto e mudar sua forma de transmitir o ensino de acordo com o que percebe. A mãe pode contribuir através da alimentação.

As crianças altas cuja memória foi especialmente sobrecarregada necessitam de uma alimentação bem diversificada, uma alimentação que, por exemplo, apele intensamente às forças do calor, ao sangue. Desta maneira serão de bom efeito: sopas quentes de frutas, calda de caramelo, suflês quentes com manteiga, açúcar, ovos e frutas, creme batido, alimentos tostados.

As outras crianças cujo crescimento foi reduzido porque se apelou em excesso pelas forças da fantasia necessitam de uma alimentação mais apropriada para os nervos, uma alimentação que esfrie o sangue, por demais poderoso, e que traga as forças formativas. São alimentos à base de raízes, alimentos frios, saladas, etc.

Com isto, vemos que devemos compor nossa alimentação a partir de pontos de vista sempre novos. E poderemos fazê-lo se considerarmos o efeito dos alimentos como sendo suficientemente vivos, de modo que possamos vê-los em conjunto com os processos fisiológicos do ser humano. Então não se falará apenas em proteínas, carboidratos e lipídeos, mas deverá haver também a pergunta, se os alimentos provêm do mundo animal, do mundo vegetal, das flores, folhas ou raízes; se devem ser usados na forma tostada, assada, cozida, fria ou quente. Nas crianças com cabelos negros, lisos, proporcionar-lhes-emos, por exemplo, muito do elemento sulfuroso. Como tal, entende-se especialmente as flores: camomila, tília, sabugueiro, etc., mas também qualquer preparado grelhado (tostado). Os alimentos quentes contêm um elemento sulfuroso mais intenso do que os frios. Crianças com cabelos ruivos, crespos, necessitam de alimentos mais ricos em ferro e raízes; também comidas principalmente cozidas e preparadas a frio. Com frequência, iremos nos deparar com o fato de as crianças não aceitarem justamente aquilo de que necessitam; nestes casos, tentar-se-á fazer adições mínimas e progressivas daquilo de que elas necessitam, até que gradualmente se acostumem a estes alimentos.

Com isto, tentamos dar alguns elementos para a alimentação da criança. Estas são diretrizes gerais, pois se se entrasse em detalhes, este trabalho seria consideravelmente maior, o que não é nossa intenção. E que este possa servir de estímulo para ampliar, através de estudo próprio, com maior profundidade, as diferentes relações aqui expostas e assim penetrar, com maior profundidade, no efeito vivente das substâncias nutritivas, nas possibilidades de preparação. E, neste caminho, sempre será nossa guia mestra a ciência espiritual antroposófica, pois apenas por meio dela podemos nos aproximar daquele invisível que vive no vivente.

## Um pouco sobre a Mantenedora da Escola Waldorf Rudolf Steiner

A Escola Waldorf Rudolf Steiner foi fundada no Brasil no ano de 1956 no Bairro de Higienópolis por quatro casais que, curiosamente, não eram pais de alunos. Dois casais não tinham filhos e dois já eram avós, sendo que apenas um destes casais veio a ter seus netos nesta escola. Com a fundação da Escola, nasceu também a Associação Pedagógica Rudolf Steiner (APRS), mantenedora da Escola Waldorf Rudolf Steiner.

Para que a Escola tivesse professores conhecedores desta pedagogia tão especial, este grupo contratou, na Alemanha, o casal Ulrich que concordou em se mudar para o Brasil. A escola que começou com 18 alunos cresceu rapidamente e logo a Mantenedora se deparou com um ultimato do casal de professores por um espaço maior. Com muito sacrifício dos idealizadores foi comprado um belo terreno no Alto da Boa Vista, mas faltava construir. Forças foram unidas e com muita dedicação e ajuda de amigos e instituições da Europa, doações de empresas e particulares, foi erguido o prédio do Ensino Fundamental e um outro para os Jardins de Infância. No ano de 1959 a Escola Higienópolis mudou-se para a Rua Job Lane.

Isto aconteceu há muitos anos... Em 2002 a Mantenedora finalizou o ciclo de construções com o Teatro Ruth Salles e as salas de trabalhos manuais. Hoje nosso terreno com seus 16.000m<sup>2</sup> tem uma área construída de 10.000m<sup>2</sup>: a prefeitura não autoriza mais nenhum metro quadrado de construção! Em 1981 a escola passou a chamar-se Escola Rudolf Steiner de São

Paulo e, em 1997, Escola Waldorf Rudolf Steiner. Hoje a Associação Pedagógica Rudolf Steiner tem 135 funcionários entre professores, administrativos e manutenção e 825 alunos do maternal ao 3º ano do Ensino Médio. Aproximadamente 1.900 alunos já se formaram no Ensino Médio desde o ano de 1975.

Pensando na formação de “Professores Waldorf” brasileiros nasceu, em 1970, o Centro de Formação de Professores Waldorf reconhecido oficialmente em 1998 pela Secretaria da Educação.

A Associação Pedagógica Rudolf Steiner, que responde legalmente pela EWRS e pelo Centro de Formação de Professores Waldorf, tem atualmente 61 associados, entre professores, pais e ex-pais da Escola, que se reúnem 2 vezes ao ano em Assembléia Geral. A sua Diretoria é formada por 7 membros eleitos que se encontram semanalmente com o *principal objetivo de zelar pela aplicação da Pedagogia Waldorf que tem seu fundamento na Antropologia Antroposófica desenvolvida por Rudolf Steiner.*



## Perto do Sol

é o significado do nome de nossa querida Elenice em alguns dicionários de nomes que procurei. Combina perfeitamente com a imagem que tenho a cada momento em que me lembro dela nos últimos dias. Sempre com seu sorriso franco e luminoso, seus cabelos loiros e seu andar saltitante, fazendo reverência quando nos encontrava dando-nos a impressão de sermos a pessoa mais importante do mundo. Fez uma trajetória de vida digna de imitação: foi professora de classe em duas turmas em Florianópolis, veio para nossa escola e levou uma classe até o 8º ano e paralelamente concluiu o Curso de Terapia Artística em Florianópolis, sendo reconhecido seu talento. Decidida, aspirou e conseguiu aprender, aos 49 anos, a língua alemã para fazer estágio na Ita Wegman Klinik, na Suíça. Sem receio foi e alcançou o seu objetivo tendo sido inclusive convidada para trabalhar lá.

Tornei-me sua amiga nos últimos anos que ficou na Escola e felizmente isto aconteceu, pois as conversas que tivemos inspirou-me no sentido de continuar o meu traba-

lho e de compreender o sentido oculto da Pedagogia Waldorf. Entretanto, assim como podia atuar como fonte de inspiração, com a mesma força também colocava aquilo que acreditava lutando até se esgotarem todos os meios para que a sua vontade ou fé fosse reconhecida. Viverá no coração daqueles que aprenderam ou tiveram o privilégio de conviver com ela. Deixa muita saudade, mas até muito perto de sua partida, corajosamente me disse, que tudo que desejava fazer nesta vida havia feito e que o mundo espiritual decidiria sabiamente qual o melhor lugar para ela. Em nenhum momento a vi sofrendo ou lamentando o ocorrido. Em minha profissão já acompanhei várias passagens do umbral, mas nunca encontrei tal força diante dele. Dizem que os pequenos vidros contém os melhores perfumes. Creio verdadeiramente nisto e, sobretudo, concordo plenamente com Erick From ao dizer: “Só teme a morte quem não viveu plenamente”.

Com carinho,  
*Anne Lima*  
*Enfermeira da EWRS*

**PROJETO VIDAS 2011 - Viagem Interativa De Arquitetura Social**

Foto do 12BA 2011 na Cachoeira das Carioquinhas – Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros/Goiás/Brasil

*No pensar, lucidez,  
no sentir, afeição,  
no querer, ponderação:  
se eu aspirar a essas três,  
então poderei esperar  
saber orientar-me  
corretamente  
nas trilhas da vida,  
frente a corações humanos,  
no âmbito do dever;  
pois lucidez  
provém da luz da alma,  
e afeição  
mantém o calor do espírito;  
ponderação  
revigora a força vital.  
E tudo isto,  
aspirado na confiança em Deus,  
Conduz, nos caminhos humanos,  
A bons e seguros passos na vida.*

*Rudolf Steiner*

Neste ano de 2011 realizamos a quarta edição do Projeto. A constelação de pais, alunos e de professores dos 12ºs anos trouxeram uma série de questionamentos acerca do VIDAS. Na reunião de apresentação para os pais surgiram questões e sugestões importantes em relação aos objetivos e aos

custos que envolvem a realização da viagem. O processo mostrou que o entendimento sobre o roteiro precisa ser repensado e reconsiderado para cada grupo. O VIDAS 2011 foi reduzido de doze para nove dias, entre 30 de maio e 07 de junho, sendo este último realizado em São Paulo.



Nossos alunos interagindo com as crianças assistidas pelo PETI (Programa de Erradicação do trabalho Infantil), Alto Paraíso de Goiás/GO.

*Para nós uma tarde e uma manhã...*

*Para eles uma tão esperada tarde e uma tão esperada manhã...*

*Para nós uma realidade...*

*Para eles um sonho...*

*Para nós um presente...*

*Para eles um futuro...*

*Mas para ambas uma semente plantada,*

*Dependendo de cada um para germinar.*

(Aline Pereira de Lacerda 12BA)

Grupo desenhando o Congresso nacional, vivenciando a Viagem de Artes.

*Entender o planejamento de Brasília é aprender que temos que planejar nossa vida, mas que até o maior plano deve ser modificado e melhorado. (Thomas Walter Dietz 12BA)*



Apesar da redução no período da viagem, procuramos concentrar as atividades mais significativas e dar continuidade ao Projeto nos moldes como fora criado. Particularmente, acredito que todas as mudanças e situações enfrentadas neste ano são inerentes de um processo que exige estudo, reflexão e comunicação. O primeiro e gigante passo de realização do VIDAS 2011 começou com o 1º SARAU dos 12, evento organizado por alguns pais, alunos e professores, realizado no dia 07 de maio no Teatro da escola. Mais de 700 pessoas passaram por ali e contribuíram com a arrecadação de aproximadamente 80% do valor que faltava às classes.

Considero que a experiência de trabalhar neste Projeto fortalece o caráter social da Pedagogia a qual sustentamos e, de algum modo, trás aos jovens a oportunidade de vivenciar o mundo no qual tem a missão de atuar num futuro bem próximo.

*“Confiança é uma das palavras de ouro que, no futuro, deverão dominar a vida social. Amor pelo que se tem a fazer é a outra palavra de ouro. E, no futuro, serão socialmente benéficas as ações que forem realizadas por amor aos homens em geral.” (Rudolf Steiner)*



Rangel Garcia Lima  
Professor de Geografia para o Ensino Médio

## O Começo do Mundo

Bem longe, longe do tempo,  
 Não havia terra, não havia estrelas, não havia nada.  
 Só havia o céu no alto,  
 como um halo luminoso  
 por sobre o vazio do espaço vasto.  
 Sim, havia o céu  
 onde os anjos voavam em torno do trono de Deus;  
 e o olho de Deus, deslumbrante de luz,  
 clareava tudo como um sol.

Os anjos pequenos diziam; “Ai, que nos ofusca tanta luz!  
 Olhemos de mais longe o trono de Deus Pai!”  
 Os anjos maiores cantavam, felizes:  
 “Que brilho há em Deus! Que luz! Que luz!”.  
 Cheguemos mais perto, levemos estrelas,  
 Vamos prendê-las em suas belas vestes azuis!”

“Oh, sim quanta luz...”  
 pensava Lúcifer no meio deles.  
 “Oh, sim, que fulgor se reflete em tudo...”.  
 Como brilha o meu manto..  
 Brilha quase tanto quanto o manto de Deus!  
 Ah, se eu pudesse reger essas luzes,  
 do alto de um trono igual ao seu...”

Que nuvem é essa na frente de Lúcifer, que se esprai...  
 se espalha como uma teia escura?  
 Lúcifer assusta-se; e fecha as asas; e a oculta.  
 Mas o anjo Miguel o vê e pergunta:  
 “Lúcifer, estás doente?”.  
 “Que mancha é essa em teu manto?”

“Isso passa, Miguel  
 É só um aperto que sinto no peito”.

“Lúcifer, Lúcifer... e a tua luz?”  
 Que teia escura vai escondendo veste tão pura?”

Mas Lúcifer rápido, ao afastar-se, se oculta  
 (Aumenta-se a sombra)

e trama, deseja reinar sobre as luzes!  
Os anjos menores voam aos confins,  
E reúnem-se a ele, ouvem seu chamado:  
“Um trono! Um trono só para mim!  
Façamos aqui outro reino de luz!”  
Todos bem de perto poderão olhá-lo.  
Do trono mais alto as luzes ofuscam”.  
Cessam os anjos seus claros cantos.  
Nem colhem mais estrelas  
Para prendê-las no celeste manto.

“Miguel! Miguel! – Deus vem chamar”.  
“Como acontece que se escurece tão triste o céu?”

“É Lúcifer, Pai. É o seu coração...”

Dizei-lhe que o rasgue.  
Dou-lhe outro bem puro.  
Mas, se ele negar-se,  
dou-lhe um reino escuro.  
Mas que seja longe,  
bem longe de tudo.  
Toma a tua espada,  
luta contra Lúcifer!”

“Anjos, vinde à revolta, vinde à luta!  
Eis Miguel! Eis Miguel em nossa busca!”  
Ululam os ventos, trovejam os raios, os fogos do céu!

“Lúcifer, Lúcifer, chamo pelos anjos, pelos anjos todos!  
Quem volta para a luz de Deus?”

Disseram os anjos luminosos:  
“Miguel, Miguel, nós voltaremos!  
Contra Lúcifer lutaremos!”  
Enquanto os outros, deslumbrados pela sombra  
estranha de Lúcifer, ocultam-se do seu lado.

Então a espada celeste rasgou uma fenda no céu revoltado.  
Por ela foram Lúcifer e os anjos todos.  
E ganhou seu reino Lúcifer, onde tudo se escurecera:  
suas vestes, suas asas, suas vozes, suas faces.  
A fenda do céu fechou-se, mas deixou uma fina marca.  
E Miguel sempre a guardava, para Deus,

com sua celeste espada deslumbrante de luz.

Lúcifer clama chamando os irmãos,  
e tramam a forma de estranho dragão:  
“Que vença a barreira que nos fecha o céu,  
e então venceremos o arcanjo Miguel!”  
Inflama-se em chamas a forma terrível,  
as garras já ferram na beira do abismo,  
na marca fechada, gravada no céu,  
guardada por anjos do arcanjo Miguel!

Os anjos trocavam murmúrios serenos,  
mas logo escutavam os uivos horrendos.  
Tremiam as brechas, abriam-se rombos,  
surgiram as garras, os chifres do monstro

Mas eis que o valente, radiante Miguel  
a espada celeste de pronto estendeu  
nas luzes divinas do trono de Deus,

Lutando, lutando, de espada na mão,  
vencendo o perigo, pisou no dragão!  
Da brecha do abismo cerrou-se o portão!

E Lúcifer ouve com os outros vencidos:  
“É vosso esse reino do fundo do abismo”.  
Reinai sobre ele!  
Quem sabe algum dia  
a grande bondade  
de Deus irradie,  
e chegue até vós  
a Sua alegria!

*Refletir sobre Micael*  
*Instituto Mainumby*  
*Formação de Educadores Comunitários*  
Pág. 7



# Agenda

---

01/10	Olimpíadas
08/10	Encontro do Ex-aluno
08 a 16/10	Férias da Primavera
20 a 23/10	Peça Teatral (8º B)
28 a 29/10	Apresentação do Trabalho Anual
02/11	Finados
05/11	Exposição Pedagógica - Montagem
06/11	Bazar Natalino
12 a 15/11	Proclamação da República
16/11	Assembleia Geral da APRS
17/11	3ª Reunião Representantes de Classe
24 a 27/11	Peça Teatral (11º A)
29/11	Palestra (Comissão de Palestras)
03/12	Apresentação Musical
10/12	Auto de Natal / Encerramento Educação Infantil
14/12	Encerramento do Normal-Noturno
16/12	Encerramento do ano letivo
17/12	Formatura do 12º ano e do Normal
19/12/11 a	Recesso Escolar
17/01/12	



Cadastre-se e receba informações da  
Comunidade de Pais no site:  
[www.ewrs.com.br](http://www.ewrs.com.br)

## MANTENEDORA

Associação Pedagógica Rudolf Steiner  
Rua Job Lane, 900 Cep 04639-001  
Alto da Boa Vista São Paulo  
Tel.: +11 5523-6655 Fax: 5686-9863  
e-mail: [escola@ewrs.com.br](mailto:escola@ewrs.com.br)